



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI- PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS PORTUGUÊS**

**EDJANE PEREIRA CABRAL**

**A MANIFESTAÇÃO DA HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO  
ESCOLAR**

**MONTEIRO-PB  
2019**

**EDJANE PEREIRA CABRAL**

**A MANIFESTAÇÃO DA HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO  
ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de Curso de curso  
(artigo) apresentado ao Departamento do  
Curso de Letras/Português, da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito à  
obtenção do título de graduação em Letras  
Português. Área de concentração:  
Sociolinguística  
Orientadora: Profa. Me. Larissa Gabrielle  
Lucena Marques

**MONTEIRO-PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C117m Cabral, Edjane Pereira.

A manifestação da heterogeneidade linguística no contexto escolar [manuscrito] / Edjane Pereira Cabral. - 2019.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2019.

"Orientação : Profa. Ma. Larissa Gabrielle Lucena Marques, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Sociolinguística. 2. Variação diatópica. 3. Sala de aula.  
4. Variação linguística. I. Título

21. ed. CDD 306.44

**EDJANE PEREIRA CABRAL**

**A MANIFESTAÇÃO DA HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Artigo apresentado ao programa de Graduação em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras Português.

Área de concentração: Sociolinguística

Aprovada em: 17 / 06 / 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

*Larissa Gabrielle Lucena Marques*

Profa. Me. Larissa Gabrielle Lucena Marques  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Hermano Aroldo Gois Oliveira*

Prof. Me. Hermano Aroldo Gois Oliveira  
Universidade Federal da Paraíba (CCAUE/UFPB)

*Jardiene Leandro Ferreira*

Profa. Me. Jardiene Leandro Ferreira  
Instituto Federal do Pernambuco (IF-Sertão PE/UFRN)

Dedico este trabalho a Deus, por nunca me desamparar, a meu Pai Fernando e minha mãe Vaninha por tamanha dedicação, companheirismo e zelo.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado forças para prosseguir e poder desfrutar deste momento, já que, por muitas, vezes pensei em fraquejar, diante das dificuldades encontradas, uma vez que não é fácil conciliar estudos com uma jornada de oito horas de trabalho;

Aos meus pais, Vaninha e Fernando, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e dando forças, com uma palavra de incentivo a não fraquejar e insistir nos meus objetivos;

Ao meu namorado Branco, por compreender as horas de ausência e depois de uma jornada de trabalho, se dispor a viajar comigo até o campus, para receber orientação;

A professora Mônica, que autorizou a minha presença em suas aulas e a grava-las, para colher dados;

A todos os meus colegas de classe pelos momentos compartilhados, em especial Wltenize e Josy, que foram amigas que ultrapassaram os paredões da Universidade;

Aos mestres que contribuíram para o meu crescimento intelectual;

A professora e orientadora Larissa Lucena por ter me aceitado como orientanda, pelo material fornecido, leituras sugeridas, correções, apoio, paciência, e dedicação durante o processo de construção do TCC.

“Todos os modos de falar apresentam uma organização gramatical complexa, perfeitamente demonstrável e exprimível na forma de regras”. (Marcos Bagno).

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Heterogeneidade linguística .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Preconceito linguístico .....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 Variação linguística e ensino.....</b>	<b>16</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1 Coleta de dados .....</b>	<b>20</b>
<b>4 ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>22</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>29</b>

# **A MANIFESTAÇÃO DA HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR**

## **THE MANIFESTATION OF LINGUISTIC HETEROGENEITY IN THE SCHOOL CONTEXT**

Edjane Pereira Cabral<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo trata a manifestação da heterogeneidade linguística no contexto escolar. Assim, tivemos como objetivo investigar a intensidade dos fenômenos variacionistas que manifestam os educandos em situações específicas, tendo como foco uma escola de ensino fundamental, no município de Ouro Velho-PB, mais precisamente em uma turma de 7º ano, do Ensino Fundamental (anos finais), nas aulas de Língua Portuguesa. As referidas aulas foram observadas e gravadas para a análise de dados. Deste modo, para fundamentar a pesquisa tivemos como teóricos Bagno (2009; 2013), Bortoni Ricardo (1985; 2004), Faraco (2008), Polli Silva (2009). A pesquisa se caracteriza como sendo etnográfica. A análise dos dados foi realizada a partir das expressões utilizadas pelos alunos e pela professora em sala de aula. Realizada a análise, constatamos que diante de todas as variantes ocorrentes na língua, a variante diatópica (regional) é a mais recorrente na fala do público envolvido.

**PALAVRAS- CHAVE:** Heterogeneidade linguística. Ambiente escolar. Variação diatópica.

### **ABSTRACT**

This article deals with the manifestation of linguistic heterogeneity in the school context, so we aim to investigate the intensity of the variational phenomena that manifest students in specific situations, focusing on the school environment. This research was inserted in the Escola Jacinto Dantas, in the municipality of Ouro velho-PB, more precisely in a 7th grade class, of the elementary school (end years), in the Portuguese language classes, these classes were observed and recorded, totaling 10 lessons, for data analysis. Thus, in order to base the research we have as theoreticians Bagno (2009; 2013), Bortoni Ricardo (1985; 2004), Faraco (2008), Polli Silva (2009), in which research In this way, research is characterized as being ethnographic. Data analysis was performed using the expressions used by the students and the teacher in the classroom. In the analysis we verified

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba- Campus VI.  
E-mail: edjanebio22@gmail.com

that in front of all the variants existing in the language, the diabolical (regional) variation is the most recurrent in the speech of the public involved, so it is concluded that every speaker has its own style.

**KEYWORDS:** Language heterogeneity. School environment. Diatopic variation

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que apresenta enorme diversidade de povos, o que, obviamente, acarreta diversidade linguística em relação às expressões utilizadas pelos indivíduos. Segundo Bortoni- Ricardo (2005), o português falado no Brasil, em zonas urbanas, é resultado de uma homogeneização linguística entre múltiplos dialetos portugueses, acarretando diferenças nas modalidades fonológicas (pronúncia e entonação), lexicais (palavras com sentidos que variam de uma região para outra), gramaticais (expressões escrita ou falada que fuja do bom uso das regras, ou seja, da norma padrão), entre outros. Neste contexto, os estudos destas particularidades linguísticas, vinculadas aos contextos sociais em que os indivíduos estão inseridos, é o escopo de estudos da chamada Sociolinguística. A partir disso, este trabalho se inscreve neste campo de estudos da Sociolinguística Variacionista.

Observamos que o preconceito não existe apenas nas escolas, mas em qualquer setor em que esteja haja uma interação entre pessoas, alguns fazem questão de corrigi-las, para mostrar que sabem falar corretamente seguida da norma padrão ou mesmo para humilhá-las diante do público para, assim, se sentirem superiores. Sobre esse contexto, no livro “A língua de Eulália”, de Marcos Bagno, o autor analisa e explica que as variações ocorrentes na língua se modificam a partir das circunstâncias, na busca de explicar vários fenômenos ocorrentes na língua. Assim, este trabalho tem como objeto de estudo as variações de ordem fonética, inseridas no contexto escolar, a fim de analisar a heterogeneidade linguística representadas por alunos e por um professor.

No entanto, mesmo sabendo que somos um povo dotado de culturas distintas, ao expô-las sofremos preconceito e somos ridicularizados na sociedade. Tal visão preconceituosa acerca de determinados usos linguísticos parece estar mais acentuada na escola, local em que, por vezes, as práticas de ensino priorizam estudos da gramática normativa, para fazer uso correto das normas, noção esta proposta pela Gramática Tradicional (GT), tratando as variações como erradas, deixando de lado o conhecimento adquirido da língua materna, língua esta que trazemos desde os primeiros falares, que aprendemos com nossos familiares em situações informais e que dominamos perfeitamente.

Diante dessas considerações, neste trabalho temos como questão norteadora, como o uso desta variação linguística é percebida e influencia o público dentro da sala de aula? É perceptível que nas aulas de língua portuguesa o estudo seja mais direcionado e resumido

apenas para o estudo gramatical e da prestigiada norma culta, como sendo a única forma de comunicação aceita, enquanto que os aspectos variacionistas são tratados de forma superficial, explanado apenas porque está inserido no conteúdo programático. Desta forma esquecendo-se a cultura trazida por cada educando, fenômenos como rotacismos, como a troca do l pelo r e em “planta” e “pranta”, não são explicados, apenas tratados como erro. Assim, muitas escolas não desenvolvem um estudo aprofundado, relacionado aos espaços variacionistas. Neste caso, seria pertinente o trabalho com práticas metodológicas, voltadas para o ajustamento da heterogeneidade linguística, como orientam os PCN (BRASIL, 2000), a fim de mostrar aos educandos as outras faces da língua.

Vale destacar que a língua não pode ser utilizada em todos os contextos como um sistema homogêneo, já que existem inúmeras situações diferenciadas de enunciação, levando em consideração o interlocutor (amigos, colegas, família, chefe de trabalho, professor, juiz, médico, etc.) e situações (congresso, audiências, festas, entrevista de emprego, em casa etc.). Em todas essas situações descritas anteriormente a variedade muda, exigindo o monitoramento e estilística que cada situação e interlocutor exige.

Portanto, para Silva (2009):

Nesta perspectiva podemos entender então que a língua é um conjunto de variedades. Estendendo essas observações para outras línguas, percebemos que todas elas possuem muitas variedades. Cada língua é como uma grande pizza dividida em fatias. Cada fatia é uma variedade e nenhuma melhor ou pior que a outra, ou seja, não existem dialetos superiores ou inferiores (SILVA, 2009, p. 19).

Então, as diversas comunidades de fala são condicionadas pelos fatores internos da língua. A partir disso, é que se justifica o presente trabalho, uma vez que buscaremos perceber, através da análise da intensidade dos fenômenos variacionistas de ordem fonética, a forma como se manifesta a heterogeneidade linguística em sala de aula.

Neste contexto, este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de campo, mais precisamente em uma escola, com 30 alunos do Ensino Fundamental (anos finais- 7º ano), de uma instituição pública da rede Municipal de Ensino, localizada na cidade de Ouro Velho-PB, juntamente com a professora de português, da turma em que foram observadas e gravadas dez aulas, durante três semanas. O interesse pelo tema adveio da curiosidade em entender os aspectos que estão subjacentes ao modo como as palavras são pronunciadas pelas pessoas, no contexto da norma padrão tidas como erro.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo geral investigar a intensidade dos fenômenos variacionistas que afetam os educandos em situações específicas, tendo como foco o ambiente escolar, como específicos, temos: perceber de que modo a heterogeneidade linguística é manifestada em sala de aula e observar como a professora se posiciona diante da variação linguística manifestada por ela e pelos alunos.

Para atender aos objetivos pretendidos, o presente trabalho está dividido em cinco seções. A primeira seção refere-se à introdução, em que apresentamos uma visão geral de todo o trabalho exposto e contextualizamos como estão ocorrendo as aulas de língua portuguesa nas escolas, mais especificamente como as variantes estão sendo abordadas. Na segunda seção, são resenhadas contribuições apresentadas por Bagno (2009; 2013), Bortoni Ricardo (1985; 2004), Faraco (2008), Polli Silva (2009), entre outros que abordam as questões variacionistas, mostrando, a partir deles, as explicações dos fenômenos ocorrentes na língua. A terceira seção refere-se à metodologia, relatando como foi realizada a pesquisa, a geração de dados, o tipo, público. Já a quarta seção apresenta a análise de dados, expõe todos os resultados obtidos a partir das observações das práticas em sala de aulas dos professores de língua portuguesa, e por fim as considerações finais, em que relata a visão geral de todo o trabalho.

Concluída a introdução, seguiremos para a próxima seção, que abordará a fundamentação teórica.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Heterogeneidade linguística**

Nossa língua é dotada de particularidades, mesmo que sejamos falantes do português e integrantes do mesmo país, ou até sermos da mesma comunidade, cada indivíduo traz consigo suas especificidades, como pontua LIMA (2017) “apesar de desfrutarem de uma única língua, os falantes não são detentores do mesmo conhecimento linguístico” (p. 150), neste caso, marcamos a heterogeneidade linguística como as variações que ocorrem na língua. Milroy James (2011) relata “que não existe língua homogênea, com padrões determinados e perfeito, motivo este que cada ser humano possui sua própria natureza” (p. 118). Ou seja, todo o falante, seja ele brasileiro ou não, apresenta diferenças em seu dialeto, sendo assim, variando

na sua fala. Além disso que, a nossa língua não é algo estático, somos prova de que a língua, com o passar do tempo, passa por mudanças, determinadas pela variação histórica. Tal mudança acontece de acordo com a modernização, cultura, costumes vivenciados pelos cidadãos. Daí vem o seu caráter heterogêneo: múltiplo, multifacetado e manifestado de várias formas, as quais se vinculam aos contextos em que foram produzidos.

Conforme pontua Faraco (2008):

[...] é comum ouvir asserções de que os brasileiros não sabem falar sua língua, de que os brasileiros tratam mal sua língua, de que, no Brasil a língua é uma decadência. Desse modo, numa cultura com um viés arraigadamente normativista como a nossa, o senso de adequação se vê, constantemente, perturbado (em especial entre os segmentos altamente escolarizados) por um senso de correção exacerbadamente purista. Inverte-se, portanto, a equação empírica: a correção (tomada ilusoriamente em sentido absoluto) secundarista a adequação, quando são se condena (FARACO, 2008, p. 167).

De acordo com Bortoni- Ricardo (2014), existem várias línguas no mundo, sendo, assim, difícil de identificá-las, devido à sua heterogeneidade, o que comporta variações na língua. Tal variação da língua não existe apenas no mundo; no Brasil também, esta apresenta discrepância quanto sua quantidade de línguas faladas no Brasil. Em 2006, através de uma iniciativa do Instituto do Patrimônio histórico e Artístico nacional (IPHAN) e do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), BRASIL (2006), depõe que:

Há uma ampla riqueza de usos, práticas e variedades no âmbito da própria língua portuguesa falada no Brasil, diferenças essas de caráter diatópico e diastrático... (BRASIL, 2006, p. 24).

Assim, nossa língua é dotada de variantes, que se manifestam de acordo com cada situação interacional, seja ela regional (diatópica), diastrático, relacionada com os grupos sociais. Deste modo, apesar de nos identificarmos como falantes do português do Brasil, não exclui a existência e uso das diferentes variantes existentes. Quanto à manifestação da língua, ILARI (2012), classifica e define as variações como: diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica.

- Diacrônica, aquela que se dá através do tempo, as línguas têm uma história externa à maneira como evoluem ao longo do tempo em suas funções sociais e em suas relações com determinada comunidade linguística e uma história interna, que são as mudanças que ocorrem em sua gramática (ILARI, 2012, p. 152).
- Diatópica entendem-se as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países. (ILARI, 2012, p. 157).

- Diastrática apresenta diferenças entre o português falado pela parte mais escolarizada da população, sendo o tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estudos de população (ILARI, 2012, p. 175).
- Diamésica associada ao uso de diferentes meios ou veículos, compreendendo as profundas diferenças que se observam entre a língua falada e a língua escrita (ILARI, 2012, p. 180).

Considerando, desse modo, a noção de heterogeneidade aqui apresentada, acreditamos que é incoerente dar voz ao preconceito linguístico, tendo em vista que, além de ser multifacetada, a língua não foi feita para que ocorra a exclusão social, devemos respeitar todo tipo de manifestação, modos de falar, já que não existe um único falar.

## 2.2 Preconceito linguístico

Vivemos em uma sociedade marcada por preconceitos, sejam de gênero, raça, status socioeconômico, escolarização, grupos etários, religião, os quais remetem-se à individualidade do falante, representando seus atributos. Esse fator é ocasionado e manifestado pelas pronúncias de determinadas palavras que são marcadas por algumas vogais abertas, pelo próprio vocabulário (inté/ até).

O preconceito linguístico, manifestado pelos povos, se define, de acordo com Bagno (2009), como:

Qualquer crença sem fundamento científico acerca da língua e de seus usuários como, p.ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que povos indígenas da África e da América não possuem línguas apenas dialetos (BAGNO, 2009, p. 16).

Assim, vale destacar que tal preconceito, coloca o outro em situações constrangedoras. Segundo Bagno (2009), “os brasileiros urbanos letrados não só discriminam o modo de falar dos seus compatriotas analfabetos, semianalfabetos, pobres, da zona rural e excluídos, como também discriminam o seu próprio modo de falar” (p. 21). Tal fator ocorre porque ainda existe o mito de que, em algumas determinadas regiões brasileiras, os moradores falam o português correto, gerenciadas pelas pessoas de maior poder aquisitivo, com que tiveram boa escolarização, ou seja, os determinados pela sociedade, dominantes.

O preconceito dá-se porque as pessoas não têm o conhecimento adequado dos fenômenos ocorrentes na língua, alegam que os usuários de expressões são analfabetos. Deste

modo, acham a fala “feia”, “pobre”, sendo assim, não sabem agir diante de alguma fala pronunciada.

No contexto escolar, Bortoni-Ricardo (2004) “identifica algumas condutas dos professores perante a realização de uma regra não padrão, o mesmo não reconhecendo o uso das regras não padrão, por não estar atento ou por falta de conhecimento” (p. 38), assim professores não sabem agir diante das expressões, assim, reprimem os alunos perante todos, sem especificar o fenômeno ocorrente na língua ou como se deve agir diante de cada situação e interlocutor. Essa ação ocorre por insegurança de corrigi-los ou não, até mesmo nas produções de texto, em que não há uma reflexão, o foco é somente a correção, se baseando apenas no senso comum determinar erros nas expressões, a exemplo de “plano/prano”, “plantei/prantei”, “mulher/ muié”, não ressaltando a ocorrência de determinados fenômenos ocorrerem tanto na fala como na escrita.

Faraco (2008) pontua que:

[...] há equívocos relacionados com a compreensão dos fenômenos da variação linguística. Quem lida com essa área dos estudos da linguagem certamente não se surpreende com esse fato. É justamente diante dos fenômenos da variação (por estes envolverem complexas questões identitárias e de valores socioculturais) que os falantes parecem se mostrar mais sensíveis, externando, muitas vezes, atitudes e juízos de alta virulência (FARACO, 2008, p. 165).

Em relação ao ensino de língua portuguesa, Faraco (2008) pontua, que deve haver uma nova visão ao referente ensino, elencando uma nova perspectiva e debates para o ensino de português nas escolas, em que abordasse toda e qualquer forma de aprendizagem, mas esclarecendo em que situações as mesmas devem ser empregadas.

### **2.3 Variação linguística e ensino**

Todos os povos possuem sua cultura e trazem consigo sua linguagem materna, a primeira que tiveram acesso e aprenderam no seio familiar. E é na escola que o falante adquire outras competências comunicativas e adapte sua fala. Nesta ocasião, é importante que a escola, enquanto formadora do cidadão, proporcionar aos educandos o conhecimento das várias vertentes da língua, desde os cordéis, que estão ligados a dialetos informais, até textos de domínio publicitário, jurídico, abordando a linguagem culta, para que saibam identificá-los e traze-los para a sua dimensão social. Então, diante das variantes produzidas pela fala dos alunos, os professores devem criar estratégias, como aponta Bortoni- Ricardo (2004):

[...] diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia da professora deve incluir dois componentes: a *identificação* da diferença e a *conscientização* da diferença. A identificação fica prejudicada pela falta de atenção ou pelo desconhecimento que os professores tenham a respeito daquela regra. [...] a conscientização suscita mais dificuldades. É preciso conscientizar o aluno quanto as diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar interrupções inoportunas (BORTONI- RICARDO, 2004, p. 42).

Neste sentido, é papel do professor, enquanto facilitador do conhecimento, mostrar ao público envolvido as diferenças existentes na língua, propondo clareza dessa vertente. O problema é que, dependendo dos seus antecedentes, a região de onde veio, e das práticas de letramento a que têm acesso, algumas regras passam despercebidas até mesmo pelos professores, sendo assim, adiando a intervenção por falta de conhecimento. Dessa forma, os alunos podem continuar sem monitoramento, sem refletir em sua aprendizagem e, conseqüentemente, não havendo desenvolvimento em suas habilidades.

Para ilustrar alguns exemplos de variação em sala de aula, Bortoni Ricardo (2004) pontua que, em relação à sintaxe de concordância do plural, são utilizadas apenas no primeiro termo do enunciado, como exemplo temos “as meninas estuda”, marcada pela redundância das palavras do Português não padrão.

Considerando o exemplo acima apresentado, Santos e Cavalcante (2000) defendem que:

Que um trabalho objetivando a variação linguística em sala de aula deve focar as diferenças entre textos orais e escritos, a partir de produções orais ou escritas dos próprios alunos. O trabalho de retextualização deve partir de uma atividade já produzida e pode possibilitar até a mudança do gênero inicial do texto, atividade que não requer o abandono do dialeto culto, pois, como já foi dito, é na escola que o aluno terá acesso a ele (SANTOS e CAVALCANTE, 2000, p. 194).

Considerando que no ambiente escolar, os educandos têm acesso a uma gama de textos de diversos gêneros, há a oportunidade de conhecer e adquirir diversos conhecimentos das variantes existentes e a partir desses textos, saber diferenciá-las, para, assim, selecionar as palavras ou inseri-las em seu repertório, seja na oralidade ou na escrita, a depender da situação.

Quanto ao preconceito linguístico, os PCN (1998) apontam que:

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua-padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima

da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BRASIL, 1998, p. 31).

A partir da análise dos aspectos voltados para o foco do ensino, segundo os PCN (1998), a escola, enquanto espaço de aprendizagem, deveria deter sua atenção aos aspectos variacionistas, não priorizando apenas a gramática, já que os indivíduos precisam ter uma gama de conhecimentos para desenvolverem trabalhos posteriores ao ensino básico e entendê-los.

Sendo assim, é importante não focar apenas nos estudos gramaticais, mas considerar que não existe um sistema homogêneo da fala, cada indivíduo traz consigo sua identidade. O reconhecimento da heterogeneidade linguística é um passo fundamental para pautar um ensino de língua que se volte a reflexão. Tal proposta já é reconhecida em lei, há décadas, visto que tais documentos orientam os professores a trabalharem de forma diferenciada, buscando as várias facetas que a língua propõe. Contudo pontua Bortoni- Ricardo (1995):

A aquisição da língua padrão por meio da exposição a modelo dessa variedade em sala de aula é um tema que ainda não recebeu suficiente atenção apesar da grande ênfase que a pesquisa sociolinguística tem dedicado as consequências educacionais da variação linguística (BORTONI- RICARDO, 1995, p. 119).

Deste modo, é importante que os educandos possuam conhecimento das regras gramaticais, das concordâncias, ortografia, interpretação de textos, regências etc., para saberem utiliza-las em alguns momentos, como em provas de concursos e conseqüentemente se saírem bem, mas o ensino de português não deve ficar reduzido apenas a essas abordagens. Todavia, nesta modalidade, o aluno precisa se preparar para a vida e, infelizmente, as escolas, ainda, privilegiam, na maioria dos casos excessivamente o uso da gramática prescritiva, sem considerar os contextos de uso e o conhecimento que o aluno já possui da sua língua, para assim construir um modelo de língua certa, como se o português fosse uma língua homogênea, em que todas as pessoas devam se expressar igual.

Silva (2009) aponta que:

A disciplina língua portuguesa tem por objetivo, em todas as séries, desvendar como funciona a linguagem humana em todas as suas possibilidades e proporcionar aos discentes percepção para entendê-las tanto na oralidade quanto na escrita. Devemos ensinar aos nossos alunos o que é língua [...] e ainda discutir sobre o comportamento da sociedade, dos

indivíduos de modo geral, diante de todas as possibilidades que a língua nos oferece de fazermos uso dela (SILVA, 2009).

A partir da citação mencionada anteriormente, Silva (2009) relata que apesar das evoluções ocorrentes na língua, existe uma resistência ao ensino voltado para a questão linguística, que perdura até os dias de hoje, cuja prioridade recaia sobre o ensino da gramática. Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) a disciplina de Língua Portuguesa assegura às comunidades indígenas, por exemplo, a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, que é disposto em lei a abordagem da língua materna de cada indivíduo, dando importância a sua cultura, mas sem deixar de lado o uso e explicação das normas. Mas não é o que acontece na prática todos os povos que não seguem a norma padrão do português, tendem a ser ridicularizados, mesmo os alunos tendo conhecimento das variantes, acham graça ao ouvirem determinadas palavras<sup>2</sup>.

Bagno (2013) aponta que se deve apresentar aos alunos as regências tradicionais, mas, também e sem decorrer à falácia da informalidade as regências variáveis, inovadoras, nas quais topamos diariamente, inclusive em textos escritos que nada tem de informais. Deste modo, o ensino de língua portuguesa deve dar espaço às explicações ligadas às variantes, mostrando como estas ocorrem, de acordo com seu interlocutor (amigos, colegas, familiares, professores, juiz, prefeito etc.), ambientes (congresso, casa, festas, escola etc.), como é apontado por Bortoni- Ricardo (2004), a competência comunicativa de um falante lhe permite saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias. Tal afirmação retrata que o Brasil apresenta questões a situações de multilinguismo. Silva (2009) ainda pontua que:

Um falante da variedade culta da língua, com alto grau de escolaridade e moradores da zona rural, que provavelmente dominam apenas a variedade local. Esse grupo terá dificuldade em entender o falante da cidade. Tal dificuldade não resulta do fato de o grupo falar errado e o nosso personagem, dito culto, falar certo. As duas são variedades de uma mesma língua, servem às necessidades de seus grupos da mesma forma, mas são diferentes. Provavelmente, o falante culto terá de mudar a variedade linguística para que possa ser entendido. Não empobrecerá sua língua, ou seu domínio [...] (p. 56)

---

<sup>2</sup> Falo por experiência própria, meu estágio no Ensino Médio foi todo voltado para a sociolinguística e, ao levar tirinha do Chico Bento e trechos do livro A Língua de Eulália, toda a turma caía na risada, como se tais fenômenos fossem muito distantes de nossa realidade e totalmente inadmissíveis.

Todo o falante deve ter conhecimento das variantes existentes na língua, e consequentemente, saber adequá-la de acordo com o cenário envolvido, assim sendo poliglota da sua própria língua. Concluída a fundamentação teórica com algumas abordagens em relação à fala, expandindo esta pesquisa, o próximo tópico abordará dados da escola, professora e turma analisada, através de gravações.

Concluída a fundamentação teórica, seguiremos para a próxima seção, que abordará a metodologia.

### **3 METODOLOGIA**

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, por explorar um contexto de dados descritos e observados, tendo em vista que Godoy (1995) caracteriza como o “estudo dos fenômenos envolvendo os seres humanos e suas intrincadas relações sociais” (p. 21). A pesquisa também é descritiva-interpretativa, até como o nome sugere, pois parte da descrição e da interpretação dos dados coletados, foi feita a partir das inferências das aulas observadas, buscando explicar o motivo pelo qual acontecem os fenômenos variacionistas.

Quanto à análise de dados, a pesquisa envolvida é de caráter etnográfico, como pontua Fetterman (1981), como “a arte e a ciência de descrever uma cultura ou grupo” (p. 11), como é caso das gravações da fala dos alunos e da professora, os quais abrangem os eventos ocorridos em suas falas, a partir da análise e comportamento dos indivíduos para assim interpreta-los a partir do seu contexto social. Em que a pesquisadora se inseriu na sala de aula para, através das observações, analisar de que modo se manifesta a heterogeneidade.

#### **3.1 Coleta de dados**

A pesquisa exploratória foi realizada em sua Escola da rede Municipal de Ensino, localizada na Rua Jacinto Dantas. Esta é a maior instituição do município, contendo um quadro satisfatório de funcionários, com 1 diretor, 1 diretor-adjunto, 1 secretário escolar, 2 coordenadores pedagógicos, 3 agentes administrativos, 2 bibliotecárias, 18 professores, 4 cozinheiras, 4 vigilantes e 8 auxiliares de limpeza, totalizando 44 funcionários.

A escola possui uma boa estrutura física, com salas climatizadas, quadra poliesportiva, biblioteca etc. A instituição atende 300 alunos, oferecendo aos mesmos o Ensino Fundamental I e II (anos iniciais e finais) modalidade esta que não eram as únicas, a referida escola também ofertava o Ensino Médio e o Magistério para aqueles que tinham interesse na docência.

A coleta dos dados foi realizada nas aulas de Língua Portuguesa, através de gravações, no aparelho celular, em um período de 27 de setembro a 11 de outubro de 2018. Durante suas aulas, participamos de 10h aulas voltadas para a variação linguística, em que foram observadas e gravadas um quantitativo de aulas mencionadas anteriormente, essa quantidade de aulas foram suficientes para analisar como se manifesta a heterogeneidade na sala de aula.

O público alvo para o estudo foi uma turma de 7º ano. O que nos levou a escolher tal turma foi o fato de os educandos estarem chegando ao término de mais uma etapa (anos finais), do ensino fundamental em que se espera que tenham mais visão do mundo (senso crítico). Tal turma possui 30 educandos, porém a turma é um pouco indisciplinada, os professores sentem um pouco de dificuldade em explorar as aulas, já que passam a maior parte do tempo chamando atenção dos alunos para focarem no que realmente é importante, mas é através desta que viabilizo uma aprendizagem efetiva reflexiva.

Com relação à professora da turma, ela possui duas graduações, uma em Pedagogia e Letras Português, além de ser poetisa. Apesar de recém-formada em Português, a referida movimentava toda a escola com seus projetos, com temas polêmicos e atuais, peças teatrais, concurso de soletrar, bandas e suas criações poéticas etc.

Concluída a metodologia, seguiremos para a próxima seção que abordará a análise dos dados.

#### 4 ANÁLISE DE DADOS

Ao observar os dados de uma forma geral, organizamos e elaboramos uma tabela 1 que segue abaixo, para ilustrar de forma mais clara quais os tipos de variações que foram mais recorrentes nas falas observadas durante a pesquisa, com os tipos de variantes encontradas nas falas dos sujeitos envolvidos.

Tabela 1  
Manifestação das Variações

Sujeitos	Tipos de variantes encontradas nas falas dos sujeitos envolvidos na pesquisa			
	Diatópica	Diastrática	Diamésica	Diacrônica
Professora	13	02	05	00
Alunos	08	02	02	00

A partir deste quadro, percebemos que a variação diatópica (regional) é mais recorrente nas falas, tanto nas falas da professora como dos alunos, tendo em vista que apareceu 21 vezes (quando somadas as falas dos alunos e da professora), seguida da variação diamésica (ligadas as diferenças da língua falada e escrita), da variação diastrática (gírias). Quanto à variação diacrônica (histórica), não identificamos a ocorrência de nenhum caso, apenas as variações que foram manifestadas, dentro dos discursos apresentados.

A partir da análise em foco, os dados em análise demonstram que a variação manifestada em sala de aula se deu, predominantemente, através da variedade diatópica. Nas duas primeiras aulas observadas, de língua portuguesa a professora iniciou e explicou a questão de variação linguística, e conseqüentemente do preconceito existente, além de relatar que não existe erro gramatical, mas saber adequar a fala, a depender da situação, a fim de diagnosticar o conhecimento que os alunos possuem a respeito do tema abordado. A partir dessa explanação, foram elencadas as atividades a serem desenvolvidas nas aulas seguintes.

Para exemplificarmos tais manifestações, apresentamos a seguir a análise de alguns exemplos das falas dos sujeitos envolvidos.

#### EXEMPLO 1

**Professora:** Silêncio gente, vocês conversam demais.

**Aluno:** (risos), ô professora esses meninos parece que beberam água de chocalho.

No exemplo acima, verificamos, que a heterogeneidade é manifestada através do uso da expressão utilizada pelo aluno “*água de chocalho*”, que reflete a variação diatópica (regional), uma vez que representa uma expressão típica da região Nordeste, a qual significa que a pessoa fala demais, enquanto que em outras regiões possui outro significado, associado a um objeto que tem som. Nesse caso, a heterogeneidade é marcada pelo uso de uma expressão que, talvez, não poderia ser compreendida, considerando o contexto apresentado no exemplo, da forma como foi.

Abaixo, apresentamos outro exemplo a ser analisado:

## EXEMPLO 2

**Professora:** Nosso sotaque não é o mesmo de quem mora em São Paulo. Olha tem gente que vai pra lá, para São Paulo e passa dois meses e chega chiando.

Diante do exemplo dois, verificamos que a professora, não apenas os alunos, também faz uso da variação diatópica, uma vez que relata que as pessoas “chiam”. Tal expressão, que nesse caso, pode ser classificada como um verbo, é muito utilizada no Nordeste para enfatizar quando um indivíduo que não é da região Sudeste tenta reproduzir o seu falar. Há, nesse caso, um certo tom pejorativo, vez que a professora associa o *chiar* ao fato de alguns indivíduos reproduzirem tal sotaque, como se isso fosse uma forma de se mostrarem melhores. Verificamos, na fala da professora, que a manifestação da heterogeneidade por meio da pronúncia do *chiar* reflete um preconceito com relação a outros falares.

Observemos, agora, o exemplo 3 abaixo apresentado:

## EXEMPLO 3

**Professora:** Gente pelo amor de Deus fechem a matraca, eu vou dizer assim.

No exemplo acima, verificamos que a heterogeneidade é manifestada através do uso da expressão “matraca”, marcada pela variação diatópica, expressão essa utilizada para enfatizar que a pessoa não fecha a boca, conseqüentemente, conversando demais. Ressaltamos, no caso dos exemplos acima, que foram duas falas manifestadas pela professora

da turma. Assim, a partir da análise dos exemplos em questão, percebemos que a presença da variação diatópica também se faz de forma recorrente no falar da professora, a qual apresenta práticas de letramento mais consolidadas e variadas que os alunos, considerando sua formação acadêmica e escolar. Tal aspecto reforça a ideia de que a manifestação dessa variação pode estar muito mais relacionada a um viés cultural e de lugar de fala: usar a variação regional não nos parece estar vinculado à escolaridade do falante, mas muito mais ao seu pertencimento àquela cultura<sup>3</sup>.

Analisemos, agora, o exemplo a seguir:

#### EXEMPLO 4

**Professora:** Eu posso dizer que a população da Prata fala igualzinho a civilização de Ouro Velho? Pode ter outras palavras lá que tenham outros significados aqui. Olhem ai eu vi outra palavra “catraia”, com diversos significados.

**Aluno:** Letícia tu sois uma catraia, (risos).

No exemplo apresentado acima, a professora e o aluno manifestam a heterogeneidade através da expressão “catraia”, marcada pela variação diatópica, expressão essa utilizada na região Norte, mais precisamente em Rondônia, cujo significado associa-se a uma embarcação, enquanto que na nossa região, a mesma expressão está associada a palavras de baixo escalão, um tipo de insulto. Percebemos, ainda, a manifestação da heterogeneidade na expressão *tu sois*, a qual reflete uma marca de oralidade que se contrapõe às formas linguísticas da norma culta padrão, ou seja, um caso de variação diastrática.

Finalmente, apresentamos a análise de mais um exemplo de manifestação:

#### EXEMPLO 5

**Professora:** nosso dicionário é para ser dessa forma. Pode apagar aqui?

**Aluna:** peraim

No exemplo acima, a heterogeneidade é manifestada através da expressão “peraim”, marcada pela variação diastrática, enfocando uma gíria utilizada pela aluna típica do interior nordestino, o que reforça a presença desse tipo de variante no contexto em questão.

<sup>3</sup> A professora possui formação acadêmica em Letras – Português e Pedagogia.

Ressaltamos que os exemplos anteriormente analisados configuram apenas um recorte dos dados recolhidos durante a observação de nossa pesquisa. Assim, ao decorrer das observações, como atividade proposta pela professora, foram desenvolvidos cordéis pelos alunos, os quais deveriam empregar uma linguagem informal, mais precisamente típica da nossa região. Tais produções abordaram a variação diacrônica, a exemplo da estrofe “Do oxente ao vós mercê”; a variação regional, além de focar que nossa língua é variante, a exemplo “nosso país é variante da língua portuguesa, herdamos palavras da corte e da nobreza”.

Por fim, nas últimas aulas, os alunos produziram dicionários, em que trabalharam a variação diatópicas (regional), utilizando expressões que usam no Nordeste, que em outro estado é diferente, a exemplos de temos como *pantim*, *gaiato*, *avexado*, *aguniado*, *moganga*, etc. Tais produções reforçam que a presença dessas palavras é marcante no cotidiano dos alunos, o que ressalta a relevância da atividade proposta pela professora e reconhece a heterogeneidade como uma marca da identidade de um indivíduo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, tivemos como objetivo analisar como é manifestada a heterogeneidade em sala de aula. Realizada a análise, constatamos que, diante de todas as variantes existentes na nossa língua, a variação diatópica (regional) é a mais recorrente tanto na fala da professora, como na dos alunos. Além disso, percebemos que a professora alterna o uso do português padrão com o português popular em vários momentos de sua fala.

O interessante é que, às vezes, a professora pronunciava palavras de maneira diferente do que é proposto pelo português padrão, não por falta de conhecimento, considerando sua formação acadêmica e escolar, mas por um deslize, a exemplo como a palavra “saibo”. Uma vez que tal manifestação era identificada pelos alunos, imediatamente a professora era corrigida, não havendo tempo para que a própria docente pudesse se corrigir. Esse aspecto reforça que a heterogeneidade pode ser manifestar até mesmo por um sujeito que tenha práticas de letramento consolidadas, como foi o caso da professora, assim como reforça também a ausência do reconhecimento da heterogeneidade por parte dos alunos, que se preocupavam em corrigir a professora da turma.

No caso dos alunos, verificamos também a presença marcante da variação diatópica, junto à presença das variações diastráticas e diamésicas, que também ocorreram, porém em quantidade menor quando comparadas à presença das variações diastráticas.

Sendo assim, a partir do que observamos, pudemos concluir que a heterogeneidade tem lugar especial na sala de aula, de modo que precisa ser levada em consideração não somente pelos alunos, mas também pelo professor, no intuito de promover uma educação linguística e livre de preconceitos linguísticos.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BORTONI- RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI- RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora? Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI- RICARDO, Stella Maris (1995). **The urbanization of rural dialect speakers**. Cambridge. University Press. IN. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita/ Angela B. Kleiman (org.)- Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2000.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo. Parábola Editorial, 2008.
- FETTERMAN, D. M. *Ethnography step by step*. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1989.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo demográfico 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pb/ouro-velho/panorama>, acesso em outubro de 2018.
- ILARI, Rodolfo. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. Basso. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MILROY, James (2011). **Ideologias linguísticas e as consequências da padronização**, in: BAGNO, M & LAGARES, X.C. (org.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo, Parábola Editorial.

SANTOS M.B; CAVALCANTE, M.A. da S. **Contribuição da teoria da variação linguística ao ensino da língua portuguesa.**

SILVA, Rita do Carmo Polli da. **A sociolinguística e a língua materna.** Curitiba: IbpeX, 2009. (Série Língua Portuguesa em Foco).

## ANEXOS

### Aula 1 (duas aulas/ 90 min) - 27/09/2018

Professora: No início ano a gente trabalhou variação linguística.

Aluno: variação linguíça?

Professora: Variação linguística!

Aluno: Ha tá!

Professora: Quem tá lembrado? Levanta a mão! Tá Ruam? Diga ai como foi? Se é variação, olhe, se é variação é algo que vai variar! Num é? E linguística isso quer dizer, qui a uma variação na nossa língua né! Como é o nosso idioma? Português, português do Brasil, português, mais vocês acham qui Ouro Velho fala igual São Paulo? Não! Cada estado tem seu modo de falar, tem sua cultura num é! Nós temos o sotaque que por muitos, muitos ate cometem preconceito. Quando a gente fala num canto, oxente olha do jeito que fulano fala e começa a rir, porem ele diz oxente, abestado, ele fala avexado, prumode, ai fica ate rindo. Eu acho ate que o preconceito maior em respeito à língua é com os Nordestinos, com nosso jeito de fala. Mas a gente tem que termos orgulho também. Se vocês se preguntarem hoje em dia não existe erro gramatical. Como é que se chama? Desvios gramaticas, certo! Ninguém é obrigado e fala certo o tem todo. A gente tem obrigação de fala certa em alguns lugares? Tem! Tenho que saber mim comportar, saber falar com um juiz, com um médico, com um promotor, como o advogado. Se eu falo com um juiz é igual eu falar com vocês aqui? Não! Vou procurar as palavras adequadas certo! Mas que existe na variação existe para linguística a pessoa que estuda as falas vamos dizer assim, não é errado as pessoas que falam: oxente, vici, prumodi, isso é típico de uma determinada região. Por exemplo, aqui em Ouro Velho eu disse ate a vocês que eu acho interessante que a gente sabe que a palavra certa é mesmo mais tem o costume de dize mermim. Vai para escola hoje? Vó mermim! Tanto que quando Padre Carlinhos saiu daqui da igreja ele disse que ia levar uma lembrança daqui quando ele foi embora vou mermo, mermim, isso é típico, da nossa fala do nosso lugar. Mas vocês acham que no Rio de Janeiro vai falar mermo? Não eles já vão falar de outra. forma. Então se existem o preconceito na cor também existe o preconceito no modo de falar. Olha já vi uma pessoa dizer! Eu já ouvi dizer que um pessoa que quando foi para São Paulo ela sentiu

vergonha de falar, porque lá não é que fale tudo correto não, eles também não falam correto não. Eu acho que se for para falar corretamente como a gramática, mais ele sentiu vergonha, que falar por aqui a gente fala: ave Maria, os mais idosos fala coma foi, quando dizia alguma palavra que ele não ouvia direito, Cuma foi? Cuma é a história? Cuma! Ele disse que sentiu vergonha de falar. Ei você não fala não? Não eu não tou por dentro do assunto não. Tem que abrir a boca porque lá ele viu que a fala era diferente da nossa, o nosso sotaque não era o mesmo, de quem mora em São Paulo. Olha tem gente que vai para lá para São Paulo e passa dois meses e chega chiando. E também tem as pessoas que convivendo com as pessoas e com o sotaque de lá, provavelmente vai adquirir o hábito né, mais quem passa um tempo, como o João Victor! A gente tem que ter orgulho da nossa cultura, do nosso jeito de falar. Vocês já viram na internet a anatomia do corpo humano nordestino? Não né? Tem panturrilha, batata da perna, quem aqui fala panturrilha.

Alunos: eu, eu!

Professora: Ou batata da perna?

Alunos: Eu! Eu!

Professora: Silêncio gente, vocês conversam demais.

Aluno: KKKKK, ô Mônica, esses meninos parece que beberam água de chocalho.

Professora: Barriga, dor no bucho, estômago como é que diz? Eita estou com estambu doendo. Imagine outras pessoas que não morram ou não conhecem nossa cultura! Dá para formar um dicionário, com cada palavra da cultura de Ouro Velho, outro fala assim eu tô com a dor na boca do estômago e no pé da barriga, no pé do ouvido. Então a gente tem que saber que existe uma variação e que também que não é só em determinados cabelos, cor, e existem também na língua. Existe uma variação enorme na Língua Portuguesa. Até por nos herdamos de outros países, olhe a gente herdou muita coisa de Portugal. Vocês acham que as palavras que foram criadas no português é tudo da língua portuguesa? Não, veio do grego, do Latim, do Italiano, e assim né, cada lugar tem seu jeito de falar. Quando eu comecei a dar aula uma vez veio aqui dar aula um professor de Portugal, ele veio morar no Brasil no Recife, ele foi para num dos colégios de Recife. Ele um bom professor só que lá em Portugal a palavra rapariga nada mais é que o feminino de rapaz. E aqui nos já atribuímos outro significado totalmente diferente né, apenas uma palavra vulgar do nosso dicionário, então quando a

menina estava assim conversando na sala, ele foi reclamar ai ele disse cale-se rapariga. Ai a menina disse “O quê?” como é a história vou denunciar você agora na direção. Por aqui já tem outro significado, ela foi na direção e disse que o professor estava dizendo palavras de baixo escalão com ela. Então só que o professor há pouco tempo que tinha se mudado para o Brasil a pouco tempo e não sabia aqui não tinha outro significado, da mesma palavra, mas com significados diferentes tá vendo. Existe lá no dicionário existe, pode procurar lá, mas a gente atribui outro significado para palavra, palavra que tem um significado aqui podem tem outros significados deferentes na Prata num é. Eu posso dizer que a população da Prata fala igualzinho a civilização de ourovelhense, pode ter outras palavras lá que tenham outros significados aqui. Olhem ai eu vi também outra palavra “catraia”.

Aluno: Letícia tu sois uma catraia.

Professora: Calma gente, em Rondonha a palavra catraia é uma espécie de embarcação, mais aqui já é outro significado de baixo escalão. Catraia aqui é feio, desmantelado, desarrumado ne. Então minha gente as palavras ganham sentido e significado de acordo com cada região ou estado. Mais creio eu que o Nordeste, o preconceito é maior com o nordestino, com nossa fala, nosso jeito de falar. Quando nós estamos falando vocês já perceberam o sotaque de vocês? Já. Os baianos por exemplo são aqueles falando bem preguiçoso, bem arrastado, a gente já fala mais rápido mais arrasta, tudo é diferente como o oxente, painho, mainha, porque aqui é Nordeste. Quem aqui chama mamãe, papai? Eu, Gabriela. Eu também...

## **Aula 02 (duas aulas/ 90 min) - 01/10/2018**

Professora: Olhe eu vou passar de grupo em grupo, vamos fazer silêncio, psiu... (palmas) ei ô. Vou verificar o que foi produzido, o que não estiver legal a gente vai consertando, certo? Lembraram que eu disse que podia utilizar linguagem nordestinez, como chama num é... Ei eu dei as dicas psiu... de como se faz. Gente pelo amor de Deus fechem a matraca eu vou dizer assim. Olhe lembra que eu disse que podiam utilizar uma linguagem forma, mas a linguagem do nosso cotidiano certo? Principalmente do nordestinez como chamam que trabalha a variação, lembra que eu expliquei na última aula, o quer que a gente vai fazer, o cordel, cada estrofe a gente vai montar um folheto certo? Olhe lembram que eu pedi pra fazer um cordel do 7º ano, era pra falar da turma de vocês, certo? É... esse grupo. (Professora lendo) o 7º ano

faz muito barulho, não sabem a boca calar é uma turma muito inteligente isso não posso negar, tenho esperança que mude para de anos passar. Ficou bom, num foi? Agora é só dar continuidade ficou bem legal esse daqui. Ai as meninas produziram: (lendo) os alunos do 7º ano são muito inteligentes, mas apesar disso são muito impacientes, conversam demais e não prestam atenção e na hora da prova vão perguntar a questão, quando os alunos conversam a professora vai reclamar eles param mas logo logo começam a badalar. Pronto badalar é uma coisa que a gente utiliza, eita fulano ta badalando tanto hoje né, essa palavrinha badalar.

Aluna: que é típico do 7º ano.

Professora: é, não é em todo lugar, que se utiliza essa expressão, badalo é boca de badalo. Num é, ficou bom a gente só vai ajeitar aqui as linhas, certo? Olhe eu quero que vocês utilizem o cordel de vocês uma linguagem. Prestem atenção (palmas)... uma linguagem típica do nosso lugar, palavras que a gente costuma falar, dos mais velhos que costumam falar. Olhe quem quiser outro tema (momento em que todos param). O grupo que quiser utilizar outro tema certo? Pode também, só depende da sua criatividade. Acharem palavras para rimar ou vocês acham dificuldades em colocar palavras que vocês acham errado?

Alunos: é dificultoso.

Professora: ta vendo é porque vocês já tem um bom conhecimento gramatical, por isso que vocês tem dificuldade em colocar palavrinhas errada.

### **Aula 03 (duas aulas/ 90 min) - 03/10/2018<sup>4</sup>**

### **Aula 04 (duas aulas/ 90 min) -10/10/2018**

Professora: Vocês vão fazer um dicionário da língua ourovelhense, certo?

Aluna: pode fazer de cinco?

Professora: ham? Pode. Se tiver alguma letra que você não sábio.

Aluna: saiba, kkkk.

---

<sup>4</sup> Nestas duas aulas, observei a apresentação dos cordéis, que foram desenvolvidos pelos alunos.

Professora: A gente vai formar hoje aqui os grupos, pode ser de quatro, de cinco. Deixar vocês copiarem, terminaram aqui? Quem já terminou pode ir formando os grupos viu. Mostrar uma coisa aqui, gente vocês sabiam que no dia oito foi comemorado o dia do nordestino, já é uma dica pra gente fazer um mini dicionário. E aqui, olhe, nordestino não é apressado, ele é avexado, nordestino não é exibido, ele é amostrado, nordestino não faz careta, faz moganga, nordestino não tem chique, ele tem pantim, nordestino não é engraçado, e gaiato... nosso dicionário é pra ser dessa forma. Pode apagar aqui?

Aluna: peraim

Professora: vocês vão fazer do a ao z.

Aluno: em Mônica, minha vó chama xedo de japonesa.

Professora: Por exemplo na letra a, apressado, na língua nordestino é avexado, alvoroçado, aguniado. Ai você vem pra letra b, só uma palavra, agora se você conhecer mais de uma palavra. Ai na próxima aula, vocês já apresentam o mini dicionário, eu quero ele como uma cartilha, tipo um livreto.

Aluna: vou fazer primeiro, uns rabiscos.

Professora: humrum. Parecido como um caderninho. Olhe num tem aquelas charges do bode gaiato, após ali é gírias nordestinas.